

A CONSTRUÇÃO DE “CASAS”

Edna Maria Fernandes dos Santos NASCIMENTO¹

- RESUMO: Partindo do pressuposto de que construir um texto é operar com os mecanismos da denominação e da definição, procura-se demonstrar como Rubem Braga funda o microuniverso da crônica “Casas”, permitindo que o “saber” instaurado pelo produtor passe para o receptor da mensagem.
- PALAVRAS-CHAVE: Sentido; denominação; definição; articulação; fala; contexto; texto.

*Das rosas pintadas por Elstir, Proust já dizia que eram
“variedade nova com a qual esse pintor, como um
horticultor engenhoso, enriquecera a família das Rosas”.*
(Bachelard, 1974, p.352)

O artigo “Articulações contextuais do discurso” de Edward Lopes, publicado em 1985 em *Significação* e republicado em 1993 no seu livro *A palavra e os dias*, inicia-se com o seguinte parágrafo:

Talvez a revelação mais espetacular feita pela narrativa bíblica do Génesis seja a que está implícita na idéia que ali se exprime, de que o ato enunciativo cria toda realidade. Cria no sentido cognitivo, é claro, não como realidade fora de nós em que nós, seres humanos, nos situamos, mas como realidade dentro de nós, situada em nossa mente como um simula-

1 Professora da Pós-graduação na Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara – SP – Brasil.

cro, uma representação engendrada pelo poder genésico da palavra – “no princípio era o Verbo...”. (1993, p.57)

Tendo como fundamentação teórica as concepções de Edward Lopes desenvolvidas nesse artigo e em outras obras, *Discurso, texto e significação* (1978) e *Metáfora* (1988), e dois artigos nossos – “Metalinguagem natural e teoria da linguagem” (1990) e “Tradução intralingual e produção de texto” (1992) –, tentaremos acompanhar a construção do sentido cognitivo da palavra *casa* no microuniverso da crônica de Rubem Braga “Casas” (anexo).

O discurso funda a sua realidade intradiscursiva operando com denominações que compõem o relato contextualizador. A sua principal denominação é o título que exprime de forma condensada o que se vai tratar. Ao longo do texto, que se constrói como expansão da condensação expressa pela palavra *casas*, outras denominações colaboram para delinear o suporte temático e fundar o relato contextualizador, responsável pela produção do texto de referência que é extradiscursivo.

Nessa crônica, as palavras *terreno, casa, edifício, apartamento e casa-grande* são contextualizadores, fundam o texto de referência. Essa referência, que deve ser comum ao produtor e ao receptor da mensagem, permite que o saber passe de um para outro. A referência se ancora no “saber” armazenado que se supõe que qualquer falante de uma língua natural tem dessas palavras. Esse “saber” comum, invariante dicionarizada, é denominado por Edward Lopes *interpretante do código* (1978). No dicionário, encontramos os seguintes interpretantes do código para as citadas palavras que fundam o relato contextualizador:

terreno = terra, campo

casa = edifício de um ou poucos andares destinado geralmente à habitação

edifício = construção de alvenaria, madeira, etc., de caráter mais ou menos permanente, que ocupa certo espaço de terreno, é geralmente limitada por paredes e teto, e serve de abrigo, moradia, etc.

apartamento = residência particular, servida por espaços de uso comum, em edifícios com diversos andares

casa-grande = 1. (Bras.) No tempo da colônia ou do Império casa senhorial brasileira, de engenho de açúcar ou fazenda. 2. (Por extensão) Casa de proprietário de engenho ou fazenda.

A partir desse “saber” invariante, partilhado pela comunidade que fala a Língua Portuguesa, instaurador de referências – relato contextualiz-

zador –, Rubem Braga trabalha a construção de um “saber” compartilhado pelo narrador/leitor do discurso de “Casas” – os relatos contextualizados. Esse trabalho consiste em falar da realidade que fundou com as denominações já enumeradas anteriormente. Falar dessa realidade fundada é operar com o procedimento metalingüístico corolário da denominação: a expansão, cuja expressão lingüística é a definição. A definição intradiscursiva, interpretante do contexto, segundo Edward Lopes (1978), é responsável pelo relato descritivo. Como essa descrição não é da ordem do “saber” partilhado, extradiscursivo, ou seja, o acordo sígnico registrado no dicionário, mas da ordem de um novo “saber” que vai ser revelado pelo texto, ela instaura o texto figurativo. O relato descritivo é composto de enunciados de estado e do fazer que definem as denominações do primeiro texto: o texto de referência.

Encontramos na crônica as respectivas definições, expressas por enunciados de estado, para as já enumeradas denominações:

terreno = terreninho, algum lugar longe

casa = uma construção com jabuticabeira

sonho, sossego, infância

túmulo

coisa agarrada no chão

chão

casa-grande = muitas léguas de distância, grande casa branca cercada de mangueiras gordas

Os predicados do fazer definem *casa*, *edifício* e *apartamento*:

casa = se plantar no chão

ancorar

edifício = vagar

apartamento = pular

O relato descritivo, articulado com o relato contextualizador que criou o texto de referência, permite a construção dos diferentes interpretantes do texto figurativo da crônica “Casas”:

terreno = sem construção, terra que pode ser cultivada

casa = construção com pouco espaço de terra

apartamento = construção sem nenhum espaço de terra

edifício = construção com espaço de terra comum

casa-grande = construção com grande espaço de terra

Percebemos que o relato descritivo estabelece, para essas denominações, definições intradiscursivas que têm como gênero próximo o ter-

mo *construção*, mesmo que seja pela sua ausência; é o caso de *terreno*. A diferença específica das definições, que individua cada denominação, é responsável pelo efeito de sentido. Os diferentes tipos de *casa* são construídos a partir da ausência/presença do sema *terra*.

Considerando a ausência/presença do sema *terra*, temos três tipos de *casa* que o texto figurativo constrói:

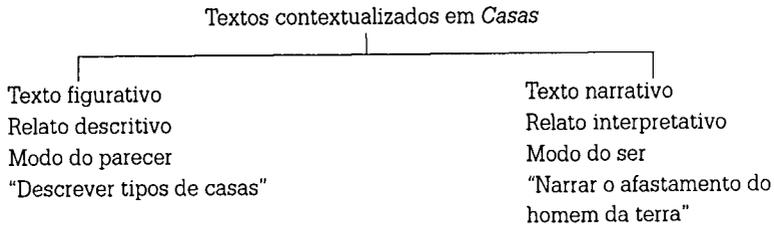
1. *terreno* = projeto de casa, casa virtual
2. *casa*
casa-grande = construção com espaço de terra
3. *edifício*
apartamento = construção sem espaço de terra

Os predicados do fazer reiteram os *designata* de *casa* construídos pelo texto figurativo. As denominações *casa* e conseqüentemente *casa-grande*, que têm o sema *terra*, são predicadas pelos verbos *ancorar*, *plantar*, tecendo a isotopia da volta à terra, à cidade natal, à infância, ao sonho, às origens; as denominações *edifício*, *apartamento*, que não contêm o sema *terra*, são predicadas pelos verbos *vagar*, *pular*, e ligam-se à isotopia de *não terra*, *do ar*, portanto, do afastamento das origens.

Chegou a hora de perguntar: o que esse relato descritivo, que produz o texto figurativo, cujo operador é a definição, diz? Segundo Edward Lopes, é necessário buscar o contexto histórico de ocorrência desse sentido descritivo, contexto esse que compõe o relato, ou melhor o co-relato interpretativo do texto figurativo; a significação histórica, homologada em outros discursos, portanto, heterodiscursiva, que instrui o texto narrativo. Edward Lopes (1993, p.67) ilustra sua afirmação:

por exemplo, logo após entrar num cinema a meio da exibição vemos na tela o fotograma de uma moça chorando, não podemos saber, no primeiro momento, já que não vimos as cenas anteriores, o que é que significa de fato *esse* pranto, se *tristeza* (= a moça recebeu, na cena anterior, a notícia da morte do noivo na guerra), *alegria* (= o marido odiado e tirânico acabou de lhe comunicar que vai finalmente conceder-lhe o tão esperado divórcio), *pânico* (= a moça indefesa e só, no casarão deserto, à noite, escuta os passos do assassino que a procura), *alívio* (= o assassino é detido no último momento, e ela é acolhida pelo mocinho); é que temos, nesse caso, o sentido descritivo, produtor do texto figurativo (“a moça chora”), mas nos falta o contexto histórico de ocorrência desse sentido descritivo, *contexto esse que compõe o relato interpretativo do texto figurativo, falta-me, assim, a significação histórica, que instrui o texto narrativo.*

Reinterpretando as definições produzidas pelo relato descritivo, produtor do texto figurativo, como um saber no modo do parecer, o relato interpretativo produz o texto narrativo como um saber ao modo do ser:



O texto figurativo funciona como um discurso-objeto a ser interpretado; por sua vez, o relato interpretativo produz o texto narrativo, que funciona como metadiscurso interpretante: a fala da fala do relato descritivo. Para melhor intelecção do que tentamos dizer, reproduzimos o esquema sobre as articulações contextuais do discurso, de Edward Lopes (1993, p.69):

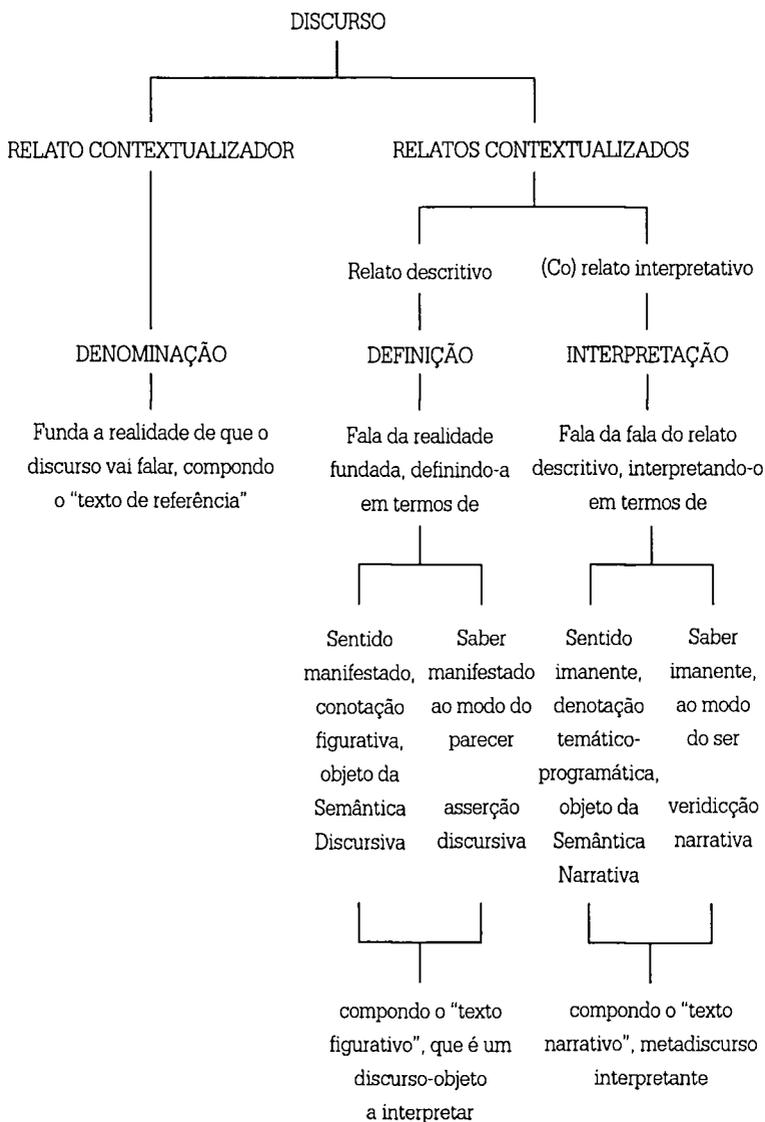
O discurso “Casas” compõe-se de um relato contextualizador que opera com as denominações *terreno, casa, edifício, apartamento, casa-grande*. A partir desse relato, fundam-se os relatos contextualizados, que são respectivamente de duas ordens: 1. *definição* – expressa o sentido e o saber manifestados (relato descritivo, produtor do texto figurativo); 2. *interpretação* – expressa o sentido e o saber imanentes (relato interpretativo, produtor do texto narrativo).

O efeito de sentido da crônica “Casas” é o resultado da transformação de um significado, partilhado por uma comunidade, pelas articulações contextuais de três textos: o texto de referência, o texto figurativo e o texto narrativo.

A crônica, ao narrar o afastamento do homem da terra, figurativizado por diferentes tipos de *casas*, constrói um “saber” intradiscursivo para *casa*, que encontra ressonância neste fragmento do texto de Bachelard (1974, p.373):

As casas não estão mais na natureza. As relações da moradia com o espaço se tornam fictícias. Tudo é máquina e a vida íntima foge por todos os lados. “As ruas são como tubos onde são aspirados os homens.”

Casa da crônica não é apartamento, edifício, não é cultura; é natureza, chão, é infância, sonho, figurativizados pela denominação/definição de *casa-grande*; é a volta às origens, à mãe terra.



As articulações contextuais do discurso propostas por Edward Lopes permitem tentar descrever o como, no sentido cognitivo, não como “realidade fora de nós”, mas “dentro de nós”, cada enunciador constrói o saber do seu texto que é único. A descrição dessas articulações discursivas ilustram como o enunciador, partindo de um saber comum,

abonado no dicionário, altera definições de denominações, instaurando um microuniverso cognitivo. Se o produtor de um texto não soubesse operar as articulações discursivas, certamente não seriam criados novos textos: todos os textos seriam estereótipos. O enunciador, utilizando os três mecanismos discursivos fundamentais, a denominação, a definição e a interpretação, metamorfoseia “um saber comum”, não o repete, mas cria “outro saber”. Nesse sentido, todo texto não é repetição, mas um trabalho sobre “o saber comum”, porque o enunciador não é aquele que apenas se apropria de um sistema de relações já dadas, ele as constrói.

NASCIMENTO, E. M. F. dos S. Building “Casas”. *Alfa (São Paulo)*, v.44, p.299-307, 2000.

- **ABSTRACT:** *Presupposing that building a text is to deal with mechanisms of designation and definition, one can try to demonstrate how Rubem Braga sets the microuniverse of his chronicle “Casas”, allowing the “knowledge” established by the producer to go straight to the receiver of the message.*
- **KEYWORDS:** *Sense; denomination; definition; articulation; speech; context; text.*

Referências bibliográficas

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: Abril Cultural, 1974. p.389-457. (Os pensadores).

BRAGA, R. Casas. In: _____. *A borboleta amarela*. Rio de Janeiro: Record, 1979. p.21-3.

LOPES, E. *Discurso, texto e significação*. Uma teoria do interpretante. São Paulo: Cultrix, Secretaria da Cultura, 1978.

_____. Articulações contextuais do discurso. Significação. *Revista Brasileira de Semiótica (São Paulo)*, v.5, p.54-71, 1985.

_____. *Metáfora*. Da retórica à semiótica. São Paulo: Atual, 1988.

_____. Articulações contextuais do discurso. In: _____. *A palavra e os dias*. Campinas: Editora UNESP, Ed. Unicamp, 1993. p.89-96.

NASCIMENTO, E. M. F. S. Metalinguagem natural e teoria da linguagem. *Alfa (São Paulo)*, v.35, p.17-30, 1990.

_____. Tradução intralingual e produção de texto. *Alfa (São Paulo)*, v.36, p.57-69, 1992.

Bibliografia consultada

JAKOBSON, R. Il metalinguaggio come problema linguistico. In: _____. *Lo sviluppo della semiotica*. Roma: Studi Bompiani, 1978. p.23-45.

_____. Lingüística e poética. In: _____. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969. p.79-119.

REY-DEBOVE, J. *Le métalangage: étude linguistique du discours sur le langage*. Paris: Le Robert, 1978.

ANEXO

CASAS

Os amigos mais pobres apenas pensam em comprar um terreninho a prestações, em algum lugar longe, mas simpático; e pensam, apenas. Os mais ricos querem construir ou comprar uma casa. Não sei por que me convidam a ir ver o terreno, ou a casa que pretendem reformar. Vou sempre. Tenho a consciência de que eles estão vivendo um momento grave; mesmo quando falam com decisão – “vou derrubar isto, fazer uma puxada aqui” – sinto que estão intimamente hesitantes. É como se eles mesmos estivessem se plantando no chão, depois de vagar por muitos edifícios. Olham em volta, vagamente desconfiados. Para não ficar o tempo todo calado, pergunto ao acaso:

– E aqui, o que vão plantar?

O amigo não chega a dizer nada, mas sua mulher responde logo, como se naquele instante mesmo estivesse pensando nisso, responde com precipitação, como se quisesse impedir que, uma vez levantada a questão, alguém pudesse admitir uma resposta diferente:

– Jabuticaba.

E me olha nos olhos. O amigo também me olha. Fico um instante calado, eles sabem o que estou pensando. Ela está vendo dentro de minha alma a mudinha de jabuticabeira murchar ou crescer raquítica,

feia, estéril, em um clima impróprio. E acode logo, como se estivesse regando carinhosamente com sua palavra a planta sem viço:

– Você sabe que aqui perto, no outro canto do bairro, tem uma casa que tem jabuticabeiras?

Explica que ela também pensou que não desse jabuticabeira por aqui. Pois dá, e muito bem. A questão é manter a terra sempre fresca. Um fio de água ali perto, e a jabuticabeira crescerá em graça e beleza e seu tronco e seus galhos se cobrirão de frutas escuras e gostosas. Tenho vontade de fazer uma pergunta cruel, mas justificável, sobre uma possível escassez de água. Mas não quero judiar da jovem senhora. Sei que ela está sonhando em plantar aqui uma jabuticabeira de sua infância. Sei, porque eu mesmo plantaria um cajueiro ou um imenso pé de frutapão. Seu sonho é a jabuticabeira de Minas; talvez seja essa a primeira imagem que lhe tenha ocorrido diante da palavra "casa": uma construção com jabuticabeiras.

Meus amigos estão ancorando. Alguns só no começo da velhice conseguem realizar esse antigo sonho. Um desses me disse, com melancolia, que fazendo sua casa tinha às vezes a estranha impressão de que estava fazendo seu túmulo. "Estou fazendo uma casa para viver nela, mas principalmente a casa onde vou morrer; você pensa bem, uma casa é uma coisa agarrada no chão, uma coisa que se afunda no chão. É o chão, o sossego que estou procurando. Mas estou alegre por causa de meu filho menor. Esse não crescerá, como os outros, pulando de um apartamento para outro. Terá uma infância de casa, de árvore, de pedra, de águas, de bichos, de chão, uma infância com cacarejar de galinhas. Eu... eu quero plantar uma mangueira aqui, perto da janela de meu quarto. Pena que o terreno não dê para plantar mais mangueiras..."

Ele falava e eu revia, a muitos anos e muitas léguas de distância, a casa-grande em que ele foi menino, a casa em que seu pai morreu, uma grande casa branca de mangueiras gordas.